



**QUARTO DOMINGO DEPOIS DA EPIFANIA
(01/02/2004)**

1ª leitura (Antigo Testamento) - Jeremias 1:4-10

O profeta Jeremias era natural de Anatote onde houve, numa época, um santuário dedicado a Javé cuidado por sua família (cf. Jr 1:1, seu pai era Hilquias, um dos sacerdotes de Anatote). Na época de Jeremias a autoestima de Jerusalém está em alta. O rei Josias tinha estendido o território de Israel além dos limites do reino de Salomão e o Templo tinha alcançado seu maior esplendor. O rei Josias morre em 620 a.C. lutando contra os egípcios que passavam pelo território de Israel para combater os assírios (2 Rs 23:28-30). A morte de Josias, porém, não abalou os confiantes jersalemitas que se achavam intocáveis (cf. Jr 5:11-12 e 7:4). No entanto, para Jeremias o fim do reinado de Josias foi um aviso de que a sorte de Israel estava mudando (cf. Jr 1:2-3) e que uma ameaça do norte (mesopotâmia) pairava sobre eles (cf. Jr 6:22-23).

É neste contexto de ameaça e orgulho que deve ser entendida a vocação de Jeremias que é anunciada no texto para este domingo. A vocação de Jeremias mostra uma visão ampla da ação de Deus tanto no tempo quanto no espaço. O tempo de vida começa no útero (em hebraico "*rehem*") da mãe, mas Deus o conhece e santifica antes (1:4). Isto é, a ação Deus sempre acontece antes que a ação humana e a profecia é apenas uma resposta a essa ação. A palavra "*antes*" aparece duas vezes neste versículo: "*antes que te formasses*"; "*antes que saíesses*". A palavra profeta em grego "*profetes*" significa "*o que fala antes*". No entanto, a vocação de Jeremias mostra que não se trata do profeta falar antes, mas de Deus mostrar antes o sentido da sua ação na história através da visão profética. A palavra hebraica para profeta é "*nabi*" que não significa "*o que fala antes*" mas, mais apropriadamente, "*o que vê antes*" e depois fala. O espaço do profeta não é apenas o seu próprio povo, mas ele anunciará a sua visão a partir do seu povo a todos os povos e para todos os reinos (1:5b e 10a).

A fraqueza aludida pelo profeta nos versículos 5 e 6 tem a intencionalidade de mostrar que não são as habilidades inatas da pessoa que a tornam um "*visionário*" (seguindo o sentido hebraico), mas a "*visão*" dada por Deus (1:7-8). O mesmo componente encontra-se nas vocações de Moisés (Êx 3:11e 6:12b) e de Isaías (Is 6:5).

Finalmente, Deus indica o sentido da vocação de forma dialética indicada pelos opostos: "*arrancares e derribares*" e "*destruíres e arruinares*" contra "*semeares e plantares*". Chama a atenção o desequilíbrio entre os dois lados. O lado "*negativo*" é o dobro do lado "*positivo*". Evidentemente havia mais coisas



a derrubar e arrancar, a destruir e arruinar do que a semear e plantar. Os jerusalemitas tinham construído uma falsa religião de orgulho e poder, tinham se fechado nela e agora ela seria seu próprio túmulo nas mãos dos babilônicos. Mas também o poder opressor babilônico deveria ser finalmente destruído e arrancado para poder reinar a vida e a paz. É interessante que as palavras positivas são camponesas "semear e plantar" e não "construir e edificar". De fato a esperança de Jeremias estava nas simples famílias camponesas tanto que ele mesmo, depois do exílio, comprará um campo e se dedicará a "semear e plantar" (Jr 32:1-15). (Humberto Maiztegui Gonçalves)

2ª leitura (Epístola) - 1 Coríntios 14.12b-20

Uma das marcas da religiosidade pós-moderna é que ela não se baseia mais em um programa de intenções ou em um conjunto de verdades ou doutrinas. Cada vez mais as religiões e denominações pós-modernas vivem em torno, e em função, de personalidades fortes e carismáticas. A fidelidade dos membros destes novos movimentos religiosos é a estas pessoas ungidas, escolhidas, enviadas, por Deus. Elas são verdadeiras "estrelas" e sem elas o culto deixa de ser o que é. O espaço sagrado passa a ser um espaço teatral de culto à personalidade, quando não se transforma em mercado. As relações interpessoais são frágeis ou inexistentes, a ênfase doutrinária é substituída pela ênfase na batalha espiritual, e a identidade – outrora sólida – desmancha pelo ar. Este é o ambiente frívolo das novas experiências eclesiais que têm surgido e crescido em nosso país. Algo comum em todas elas é a busca do sucesso.

Já nos convencemos, por Paulo, de que todos nós temos um espaço na comunidade dos fiéis. Todos temos algum dom e devemos usa-lo da melhor maneira para o crescimento da igreja. Aprendemos de Paulo que, usa-lo para o crescimento da igreja significa promover a edificação mútua. Isto dá muito trabalho, exige desprendimento, esforço e não gera igrejas muito grandes. Mas se Paulo afirmou o que afirmou para a igreja em Corinto, nós também podemos afirmar o mesmo para nossas comunidades. *Edificar é mais importante*. E, se edificar é mais importante, deduzimos daqui algumas conseqüências.

Em primeiro lugar, que é preferível o entendimento (14, 15, 19). Orar em línguas é importante, diz Paulo, mas sem interpretação minha mente fica infrutífera. Cantar ou mesmo orar e bendizer em espírito, é importante, mas nossa mente ficará infrutífera e as pessoas não saberão quando dizer "amém" ao término da oração, se não souberem acerca do que estamos orando. A palavra que aparece no verso 19 (entendimento) tem como raiz aquelas que aparecem nos versos 14 e 15 (mente). Somos seres complexos, o que significa



que não podemos simplesmente abandonar uma parte de nosso ser (a inteligência) e nos voltar para a outra (as emoções) sem que sintamos as conseqüências disso. Para que haja edificação urge desenvolver nossas potencialidades por igual. Sim, é necessária a experiência espiritual, mas sim, é igualmente necessário o entendimento, sem o qual não teremos como julgar o que é certo do que é errado.

Em segundo lugar, que é preferível instruir (v. 19). Paulo, que falava em línguas mais do que os corintianos (18), deixa claro que sua opção, contudo, era pela instrução. A palavra que Paulo usa é *katekeô* (de onde vem catequese) e que significa instruir e ensinar. Sua opção, portanto, não era por apresentar um *show* religioso e de mostrar o quão espiritual ele era. Ele queria promover a edificação, por isso, investia na instrução e no ensino.

Em terceiro lugar, se edificar é mais importante, é preferível a maturidade (v. 20). Muitas vezes somos convidados pelas Escrituras para nos comportarmos como meninos. O próprio Paulo diz aqui que devemos ser meninos na malícia, mas no juízo, ou seja, no pensamento e no entendimento, devemos ser adultos.

A busca pelo sucesso, a luta por fazer sua igreja crescer e transformar-se em uma mega-igreja, é o reflexo e o rebatimento no campo da religião, da mensagem de sucesso e de produtividade que se lê nos livros de auto-ajuda e nos programas de produtividade total de certas empresas. Perde-se de vista as pessoas, substitui-se os alvos e agora busca-se a competitividade. Em uma igreja assim, a pessoa de Jesus sai de cena e o sucesso se impõe como alvo.

Encerro com as palavras de Jean-Yves Leloup que dizia: "O ídolo nos salta aos olhos e nos impede de ver. Já o ícone nos abre os olhos para o invisível também". Muitas de nossas igrejas no Brasil estão adorando a um deus diferente, a um ídolo, isto acontece porque perderam de vista o carpinteiro de Nazaré (Jorge Aquino).

Santo Evangelho - Lucas 4.21-32

O texto deste domingo é a seqüência imediata das palavras de Jesus na sinagoga de Nazaré (domingo anterior). O povo, inicialmente admira Jesus, mas depois o rejeita devido à amplitude de suas afirmações.

4.22 – A reação do auditório diante das palavras de Jesus é de surpresa, espanto e admiração. Inicialmente é uma reação positiva porque identificam a pregação de Jesus como uma palavra de "graça". Ao mesmo tempo, porém, se surpreendem com o fato de essa mensagem vir de alguém que crescera entre eles.



4.23-27 – Jesus agora os provoca, ironicamente com dois exemplos – a lembrança do profeta Elias, que convivera com uma viúva estrangeira (gentílica) e de Elizeu, que curara um leproso também gentílico (sírio). Essa memória era importante para a comunidade lucana, de forte componente gentílico. Se os de dentro (do povo de Deus, Israel,) não aceitam, Jesus procura os de fora, onde encontra mais fé. Os dois exemplos criticam o fechamento do povo de Nazaré.

4.28 – Agora, a reação do povo muda completamente. Já não se trata de admiração, mas de ira. O povo de Nazaré está rejeitando toda abertura que Deus oferece. É um povo que se julga superior a todos os demais. Aqui já começa a se vislumbrar a futura morte de Jesus. Ele será morto por aqueles que se julgam superiores aos demais e privilegiados por Deus

4.30-32 – Apesar da ameaça de morte, não era ainda chegada a hora do sacrifício. Nada poderia deter Jesus e ele prossegue seu caminho rumo a Jerusalém.

Jesus veio trazer ao mundo, entre outras coisas, a derrubada dos muros de separação étnicos que causavam inimizades e preconceitos entre judeus e gentios. Ao evitar deliberadamente a referência ao “dia da vingança”, Cristo está revelando que Deus renunciou à vingança desejada pelos profetas antigos. Por isso o povo também deve renunciar a todas as formas violentas de religiosidade. Mas infelizmente, sempre haverá quem recuse essa mensagem. (Carlos Eduardo Calvani)